

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Gonçalves Handyman

Gonçalves Handyman é pseudónimo literário de Gonçalo Domingos Salvador Quizela, conhecido por Malha e natural de Luanda, município do Cazenga. É Professor, amante das letras e do design gráfico, bacharel em Língua e Literaturas em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, membro do Movimento Litteragris e coordenador geral da colectânea “Escritos de Quarentena”.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Dai, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego,

Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Gonçalves Handyman

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira,

Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grilo

Proibida a venda.

a chuva e a minha aldeia nunca mais será inundada – prometeu a si mesmo o menino, com um chapéu sobre a cabeça. Esse chapéu era de múltiplas cores, tinha uma abertura em forma de boca e duas bolinhas na parte superior, que pareciam olhos. Nzanji surpreendeu-se quando, ao sair da escola, o chapéu lhe pediu que o colocasse no bolso. – Está tanto sol aqui! Ponha-me no seu bolso, meu amigo.

– Não te posso colocar no bolso.

Tens de me proteger do sol – Nzanji recusou.

– Então, vamos fazer um

trato?! – perguntou

o chapéu.

– E qual é o trato?

– Esconda-me

do sol, que eu

te protegerei

da chuva.

Acredite em mim!

Nzanji interrogava-se como um chapéu que foge do sol poderia protegê-lo da chuva.

Foram trocando palavras. Por fim, Nzanji

colocou o chapéu no bolso. Não contou

aos pais que o chapéu sabia falar e passava

os dias a se comunicar com as árvores,

animais, com o vento e com as coisas

de casa, da escola e da rua. Dias passaram

e o menino continuava a ver o que os adultos

não viam. *As coisas são como nós!* – dizia

Nzanji, atribuindo toda a inocência

aos adultos.

Numa tarde menos esperada, ouviram

os gritos dos relâmpagos como se fossem

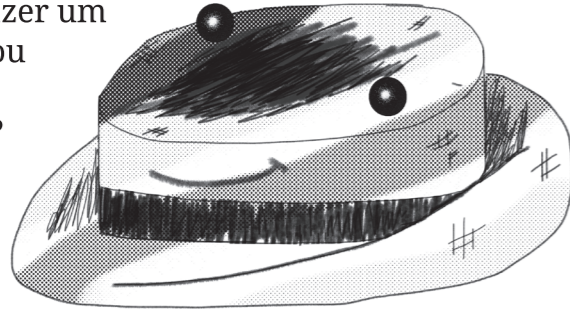
Incrédulos, todos querem saber o segredo do menino Nzanji. Como teria ele conseguido vencer a chuva e salvar as casas da aldeia?

LER & CONTAR

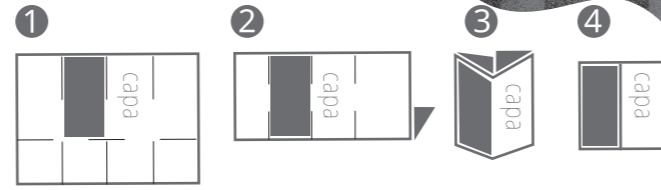
AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

GONÇALVES HANDYMAN

NZANJI E O CHAPÉU QUE VENCEU A CHUVA DE PEDRAS



Instruções de dobragem



NOITIBÓ
CONFERRIA



Numa noite sem cores, começou a chover na aldeia das casas molhadas. A casa do menino Nzanji ficou um rio e tudo se perdeu no interior das águas. Com casas feitas de chapas, outras feitas de madeira, e chão vestido de capim e água, era uma aldeia diferente das outras. Houve choros por toda a aldeia. Os que ficaram sem casa inventaram abrigo no meio da rua.

– Porque é que o homem não impede a chuva? – perguntou o menino.

– A chuva é obra da Natureza e o homem não consegue vencê-la – respondeu a mãe.

– Não é bem isso, mulher. Aqui na nossa aldeia, antigamente, sempre que a chuva tentasse cair, os mais velhos lançavam sal nos tectos e venciam-na.

– Marido, e porque é que essa prática já não funciona?

– Esses mais velhos, com o passar do tempo, envelheceram e morreram. Infelizmente, não aprendemos como derrotar a chuva – respondeu o marido.

– A vizinha Isa contou-nos que são as lágrimas de Nzambi derramadas sobre nós.

– Isso é mito, minha mulher.

– Meu marido, a verdade só pode ser essa. Ou então tudo é mito.

Nzanji, de tão pequeno que era, apenas desenhava um olhar nos

lábios dos seus pais. *Um dia derrotarei*

rugidos de trezentos leões. VAI CHOVER! – gritou o senhor Zeka, pai do menino Nzanji. – Dessa vez não, pai. Eu vou vencer a chuva! – disse Nzanji.

O pai riu-se dele e ordenou que fosse para o quarto. Nzanji pediu que lhe dessem uma oportunidade para enfrentar a chuva. “As crianças não podem resolver os problemas dos adultos” – replicou o pai, num olhar de rosas e fogo. Nzanji não poderia desobedecer aos seus pais. Seus dez anos de vida eram apenas o início de um parágrafo. Começou a chorar e a cama ficou um mar de lágrimas. Já as chapas gritavam ao sentirem as gotas d’água.

Nzanji suplicou. *Meu chapéu, em quem acreditei, ajuda-me, porque os adultos não percebem a grandeza de uma criança.* O chapéu ganhou asas fortes e saiu pela janela. Nzanji pintou um olhar aceso de esperança e os olhos penduraram as suas mãos negras na janela, assistindo ao chapéu a beber as gotas de água da chuva. – Sentirás a minha ira sobre ti – disse a chuva, furiosa, e lançou sobre o chapéu pedras gigantescas. Mas o chapéu não se intimidou e bebeu todas as pedras que a chuva lançou sobre ele. Dez minutos depois, toda a chuva entrou na boca do chapéu,

3

e nem um pingo de água restou no corpo do chão. À volta do Ngana Soba, perguntavam-se todos os da aldeia: – Como é que a água secou, sem a presença do sol? Nzanji saiu correndo do quarto, com o chapéu

nas mãos, gritando: “Papá e mamã, vencemos a chuva!” O pai voltou a rir-se dele. Nzanji parou feito estátua e falou dentro de si – *os adultos são tão inocentes.* O vizinho, que viu a felicidade do menino, queria, de qualquer modo, saber como ele tinha feito aquela magia, e questionou-o:

– Como venceste a chuva?
– As coisas não são humanas, mas têm sentimentos. Este chapéu fala, vê e sente, graças a ele a chuva foi derrotada. Todos se riram dele, mas Nzanji continuou: – Vocês nunca compreenderão o mundo das crianças, se não voltarem a ser crianças. Se vocês carregassem o mundo que há dentro das crianças, saberiam entender as coisas, os animais, o vento, as árvores, os sinais da vida, enfim, teriam paz no vosso interior. O chapéu sorriu.

Uma voz aguda saiu do meio das pessoas. Era uma velha coberta de pano preto, descalça e com missangas a embelezarem o seu corpo, que disse: “Nzambi uzediwa ó Mona ndenge Nzanji!” (Deus, abençoa o pequeno Nzanji!)

E como o tempo não cabe nas mãos de nenhum ser, todos se olharam e, a partir daquele momento, voltaram a ser crianças no seu infinito interior.

Começaram a sentir, olhar e tocar as coisas como crianças. A aldeia nunca mais foi inundada. Felizes, as crianças passaram a governar a aldeia e ninguém se esqueceu do chapéu que venceu a chuva de pedras.

6

**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**